

# Um pleito arqueológico

## O segredo do campo dos Fradin

Em Setembro ultimo, consagrei alguns dias a um novo inquerito *in loco* sobre a autenticidade das notaveis descobertas arqueologicas feitas na serra trasmontana de Alvão pelos padres José Brenha e Rafael Rodrigues. Na companhia deste ultimo e de outros amáveis colaboradores, fiz novas escavações, examinei em Telões as peças, algumas inéditas, da collecção do padre Rodrigues, ouvi na região os depoimentos de pessoas de todas as classes sociais e de diferentes graus de cultura. O resultado desta tarefa, que consta dum relatório a publicar brevemente, e que foi realizada com toda a imparcialidade e calma, é inteiramente favoravel a probidade dos dois sacerdotes e á genuinidade evidente das suas descobertas. E, no entanto, estou convencido de que os detractores de Alvão, homens da categoria scientifica de *sir* Arthur Evans e de M. Dussaud, continuarão na sua attitude negativa, definida *a priori* sem sequer terem visto os curiosos objectos, o que não succede com muitos especialistas nacionais e estrangeiros que affirmam a sua autenticidade, *depois de os terem visto*.

É um facto cõrrente da psicologia de muitos homens de sciencia, esse de se eutricheirarem irredutivelmente em opiniões tantas vezes formuladas dogmaticamente, em obediencia a uma impressõ vaga, a uma ideia preconcebida, a um preconceito censuravel, mesmo a motivos de ordem sentimental. Esse facto, que é precisamente a negaçõ do espirito scientifico, foi admiravelmente focado e explicado, a proposito da celebre questã de Glozel, pelo illustre professor belga, dr. Bayet, que, bom conhecedor dos meios scientificos e universitarios, recordou a tal respeito a espirituosa designaçã dada por Coleridge Willy a esses meios—ao «Reino dos Preemptorios»... E, num admiravel artigo sobre Glozel, no ultimo numero das «*Neuvelles Littéraires*», o eminente critico d'arte, Jacques Emille Blanche, declarou que só os emisticos da Sciencia podem imaginar a industria, a estratagemia, a diplomacia, o segredo a guardar, a comedia a prolongar, em criaturas in-

genuas, inabels e inexperientes como os ses pobres camponeses, occupados nas faldas agricolas, que ele viu e ouviu nas suas visitas a Glozel.

É que, como diz Bayet, os saudos são... homens. Tem os defectos da natureza humana, os seus aspectos mesquinhos, o irresistivel impulso a subordinar tudo a eles proprios, e, e que é o mesmo, á sua sciencia. Quando estã, são ciumentos como todos os amantes, e ciúme tem cegueiras, violencias, dogmas. E ha ainda, acrescenta o professor belga de Medicina, a deformação profissional dos especialistas, e habito da affirmaçã sem contradicã.

Ao regressar da minha campanha arqueologica de Setembro, pensava em que o pouco valor dos ataques a Alvão me devia dar a justa medida do que valla os ataques contra os achados francezes de Glozel, que varias analogias tem, na sua fisionomia e na sua historia, com os da nossa região trasmontana, se bem que, estabelecida a sua autenticidade, pareçam, porém, duma época anterior á das peças portuguezas.

Não argumentaram os adversarios de Glozel com a facil destrucçã das sepulturas após a sua descoberta, quando todos os arqueologos sabem que muitas construcções daquele genero e assim rudimentares, que se conservaram milénios debaixo da terra, não resistiram intactas ás primeiras intemperies, após a sua exumaçã? Não apareceram em jornais francezes telegramas de Porto que nunca existiram seuã na letra redonda daqueles jornais? Não se inventou, contra o depoimento franco do proprio funcionario policial, sr. Henriet, que tinham apparecido utensilios suspeitos na busca feita em casa dos Fradin? Etc., etc.

Ora, os primeiros dias de Outubro presenciaram a batalha entre pro e anti-glozelianos. Aproximava-se o dia 9 de Outubro, em que devia ser julgado o processo de difamação intentado pelas Fradin ao sr. Dussaud e a um jornal parisiense...

As escavações e os estudos feitos em

Bibliothèque Maison de l'Orient



146271

Glozel pelo dr. Morlet e pelos seus colaboradores tinham trazido elementos novos, favoráveis á autenticidade dos achados: certas vitrificações em *tablettes* com sinais alfabetiformes, vitrificações inexplicáveis com os melos de que dispunham os pretensos falsarios e anaiogas ás de vasos que os mais ferozes anti-glozelianos reconhecem como antigos; a declaração autorisada de Blanche de que só dois artistas notaveis, Pigasso e Bourdelle, poderiam hoje gravar certas figuras animalistas que appareceram em Glozel; emfim, a classificação dos ossos animais encontrados, feita pelo sabio paleontologista, Depéret, decano da Faculdade de Sciencias de Lyon, o qual determinou, entre muitas outras especies, a rena e a pantera, da fauna quaternária da França, mas hoje all inexistentes. Onde demonio o rapazola Fradin ia buscar esses ossos?... Não são identicos aos das vacas que pastoreia, ou aos que deita aos cães da herdade...

Mas poucos dias depois de surgir nos *placards* e nas gazetas o resultado dos estudos do prof. Depéret, um subito e misterioso *mot d'ordre* lança na imprensa parisiense a noticia ruidosa das conclusões do exame feito pelo sr. Bayle no laboratorio policial de Paris a objectos que, sob a direcção do queixoso, dr. Regnault, a policia apreendera em Fevereiro no museu de Glozel e no estábulo dos Fradin. Tudo falso, era a conclusão attribuida ao sr. Bayle; falsas as pecas de barro, no seio das quais o perito encontrára uma herva fresca e um flapo de lã corada com uma anilina moderna; falsos os objectos d'osso, porque tinham ainda «toda a sua gelatina»; falsas as gravuras em calhaus porque num deles o perito descobrira o vestigio da acção dum instrumento de ferro... O sr. Bayle não se pronunciava entretanto sobre a autenticidade do *jazigo*, mas apenas sobre a dos objectos que lhe haviam sido submetidos. Por outro lado, o relatorio ainda não estava feito (o que não impediu os jornalistas de o dizerem «volumoso»), e novas experiencias «plus probantes» iam ser realisadas.

O effeito desejado estava conseguido. O tribunal, no dia 9, adliava mais uma vez o julgamento. Alguns jornals publicaram ainda declarações dos srs. Salomon Reinach, Depéret, E'mile Fradiu, Sodermann (assistente do laboratorio de policia de Lyon), prof. Buy (da Faculdade de Medicina de Clermont-Ferrand, que estudára os ossos humanos), dr. Morlet, etc., todas favoraveis a Glozel e diminuindo o valor das conclusões attribuidas ao sr. Bayle. Mas, pela terceira ou quarta vez, a ofensiva violenta dos anti-glozelianos deixava decerto no espirito publico, na imprensa, nos meios politicos, no proprio poder judicial, a mais desfavoravel impressão sobre Glozel.

E, no entanto, como, com um sorriso ferverivelmente sarcástico, afirma M.<sup>e</sup> Capinchi, advogado dos Fradin, a proclamação ainda não vai na rua.

Das declarações referidas, da carta aberta do dr. Morlet ao sr. Bayle, depreendem-se varios factos que uma análise imparcial e calma tem de ponderar. Não se trata da honestidade e do saber do sr. Bayle. Mas, pergunta-se, são efectivamente do jazigo de Glozel os objectos analisados? Porque não se conservou secreto até á entrega ao poder judicial o estudo do sr. Bayle, de cujas impressões já ha muito, aliás, se falava nalguns jornais? Porque, ao contrario do que o espirito scientifico aconselha, se rebuscava apenas indicios de fraude e não se repara nos elementos de autenticidade? Porque não foi o proprio sr. Bayle recolher, em pessoa, os objectos a Glozel e examinar o terreno, como lhe foi pedido? Porque se recusou a tal, dizendo que «não queria ir»? Porque não publicou o seu relatorio na integra? Porque se não fez tambem uma investigação pericial aos objectos análogos aos de Glozel, encontrados noutros pontos do Bourbonnais?

O dr. Morlet diz que o sr. Bayle preferia trabalhar «com antolhos», e elucida que o fiapo de lã ou a graminea fresca podiam ter ficado entre as superficies de fractura duma peça de barro maleavel que se tivesse procurado reconstituir depois de cair no chão e se partir. Sucedeu isso, por exemplo, com uma bobina de argilla encontrada em Glozel pelo sr. Björn, e eu posso testemunhar uma reconstituição desse genero, tentada num «ídolo» descoberto por ocasião das escavações que ali fiz com o prof. L. Mayet, de Lyon.

Quanto aos vestigios dum instrumento de metal num calhau, importaria demonstrar: 1.<sup>o</sup> que a autenticidade de Glozel é sinónima da sua cronologia anterior á idade dos metais; 2.<sup>o</sup> que esses vestigios não resultaram dum gesto analogo ao que, num museu estrangeiro, eu vi fazer a um empregado que se propunha limpar com uma navalha um petroglifo pre-historico...

Pelo que diz respeito, enfim, á «gelatina» dos ossos, posso asseverar que as análises do meu illustre colega prof. Pereira Salgado, do Porto,<sup>e</sup> e as análises concordantes dos laboratorios de Oslo e de Lyon não revelaram nos fragmentos analisados mais osseina do que a existente em muitos ossos de incontestada antiguidade prehistorica. Os ossos examinados pelo sr. Bayle não serão os mesmos, é certo, mas, quando muito, o que as suas conclusões permitiriam afirmar é que convinha um estudo *integral* do jazigo e dos objectos. Assim como diferem as opiniões sobre a sua cronologia, igualmente diferem as hipóteses postas sobre a sua genuinidade: é tudo falso, ha uma parte verdadeira e outra falsa, é tudo verdadeiro?

O recentissimo relatorio do sr. Bruet, geologo, sobre o terreno do jazigo conclui pela impermeabilidade da camada arqueologica ás aguas de infiltração, o que explicaria, segundo Depéret, a conservação dos objectos. O arqueologo Franchet, num trabalho anterior a este debate, acentua a conservação dos ossos nos terrenos argilosos, pois nestes não ha a necessaria permeabilidade.

Mas o artigo vai longo e haveria ainda muito que dizer. Na minha opinião, porém, só a publicação integral do se.

latorio do sr. Bayle permitirá vêr até que ponto os seus argumentos autorisam *scientificamente* as suas conclusões. A minha convicção, estabelecida em Glozel *perante os factos* e radicada pelo que se tem passado (algumas vezes mesmo comigo), não se modificou ainda. Como declarei no Congresso de Amsterdam, só me inclinarei diante de provas formais, insofismáveis, da fraude. O exemplo da injustiça feita a Alvão aconselha toda a prudencia no caso de Glozel.

E, ainda mesmo que se desse a hipótese improvavel de se demonstrar que tudo em Glozel fôra uma mistificação, ficariam agora de pé outros materiais valiosos para opôr aos partidarios da ascendencia oriental das mais antigas escritas occidentais. Havia mais genio nos cerebros de muitos artistas da idade da pedra, dos pintores naturalistas das cavernas franco-cantábricas, do que nos de muitos sabios famosos do nosso tempo, que contra a evidencia, por um me-ro lugar-comum scientifico, persistem em negar brilho, originalidade, autonomia e faculdades criadoras ás culturas antigas do Occidente.

**MENDES CORREIA.**